

NEGRO OLHAR

Carlos Rodrigues Brandão

Não basta vê-los escuros, como eles são aos olhos claros. É preciso torná-los disformes: máscaras. Seres humanos sim, mas desde que entre o grotesco e o horrendo. Se "o homem" em geral até pode ser "descendente do macaco", é o negro quem deve ser a prova disso, e a aparência entre um e outro precisa ser sempre reinventada, reevocada. Sujeitos da noite, que sejam a imagem dos símbolos das trevas, da escuridão sem a lua "branca e diáfana" dos tempos dos poetas e dos escravos, que a banhe de luz. Trazidos para serem servos, que o próprio corpo se antecipe em ser grosseiramente a evidência e, portanto, a justificativa da servidão: pouco inteligente, mas sem dúvida alguma forte e resistente para o trabalho braçal; ruim para os ofícios nobres do branco, inclusive os da guerra, mas afeito a qualquer esforço que ao branco não lhe pareça bem.

Há destinos, pensava-se ainda, que estão escritos na pele, na "natureza da raça", e isso deve ser irremovível: a biologia rege a história. Eis o negro: um corpo ágil e até mesmo belo à distância, como tudo o que, sendo negro, atrai de longe e horroriza ou provoca temor quando de perto: a pantera, o gato preto, o urubu (de longe parecido também com a gaivota, que pode ser branca e sugere o mar, o limpo e o altivo).

Bem a meio caminho entre o ser humano realizado em sua plenitude, na pessoa genérica do corpo alvo do branco, e o reino proximamente infra-humano dos animais vizinhos, que o negro seja a exata pessoa do animal desumanizado. Tudo o que parece justificar uma tal posição cai fácil na lógica da desqualificação do ser negro.

Pois esses corpos não são apenas feios onde o do branco é belo. Não são apenas horrendos em suas formas mais extremas, isto é, mais propriamente "negras" aos olhos do branco, onde o branco é para ser modelo da norma do bem. Eles precisam ser em tudo o desvalor da própria imagem do ser humano,

porque ao olho que olha e julga como narciso, um mal do corpo puxa o outro. Se são feios, são também ameaçadores, disformes e sujos. Fedem por conta própria, ali onde um corpo de branco apenas cheiraria ao esforço do trabalho. São corpos dados à ruindade: "coisa ruim". Malcheirosos como sina da espécie: "todo negro fede", assim como "nêgo que não caga na entrada, suja na saída". Claro, afinal qual o odor da escolha dos povos enegrecidos por séculos de servidão?

De resto, basta ver como a vida cotidiana, segundo alguns, completa na cultura aquilo que, acreditam, a natureza começou a fazer antes, para separar, no corpo dos diferentes, o valor da norma do desvio da imperfeição. Se em si mesmo são tão feios - e têm que o ser, pois são negros - se são sujos e fedorentos, recobrem-se disto e completam com o penteado grosseiro em cabelos irremediáveis o perfil desgraçado de um ser que foi afinal criado para não ser mais do que "isto".

Há músicas populares, várias delas de carnaval, em que a figura diminuída do negro é o motivo da troça. Claro, não é preciso imaginá-los sempre seminus ou aos farrapos, e pelo menos os últimos filmes norte-americanos sugerem negros vestidos de "branco", isto é, alçados à sua aparência exterior, sem deixar de serem negros. Não é preciso, ainda que choque muito mais ver nas ruas um branco claro mendigo do que um alguém de "pele escura". Mesmo quando vestidos de gente do trabalho, ao olhar educado para o preconceito sempre é fácil identificar nesses homens e mulheres supostamente "fora do seu galho" um jeito negro de andar, de por o corpo sentado, de vestir e de falar, de sentir e ser. Como se em todas as faces e todos os gestos do corpo da pessoa, para além e aquém da norma culta, houvesse naturalmente um tamanho exagerado do pé, uma forma mais animalmente desajeitada e deseducada da mão, uma ampliação de tal animalidade no volume bestial da boca e do nariz, quanto mais medidos como grossos e escuros frente aos "lábios finos" do homem branco, tanto mais "de negro". E, por isso, negra ou, de preferência, mulata, a mulher "escura" chega a ser bela e desejável a esse olhar quando, pelo menos, tem os lábios e o nariz finos, se possível debaixo de um cabelo "esticado" para não ser "ruim". Essa "carapinha" selvagem como os matos de onde devem ter vindo os seus ancestrais; "ruim", incapaz do trato. Algo maldito

por natureza e cujo único destino de salvação é ser "esticado", "alisado", tornado mais semelhante ao do branco, com esforço persistente; semelhança que condena o negro a ver-se escapado da sina do "bicho" pelo caminho que o leva da falta à farsa.

Pois esse trabalho de domar no corpo negro os sinais da "raça" serve, pensam, não apenas para torná-lo mais civilizado, mas para reduzir nisso o negro a alguém que afinal possa ser pensado como menos perigoso e disforme pelo simples fato de ser como é. Por isso mesmo, tudo o que falta ou excede em seu corpo, diante da imagem da norma, deve ser buscado no modelo do branco: "branquear", eis a palavra-chave, tornar mais liso, mais fino, mais claro. E depois domar os gestos. Civilizar-se: ser nunca tanto como o branco, mas já não mais exatamente um negro.

Porque segundo a lógica da norma branca, se isso é o melhor para o negro (assim como se antecipa com suspiros de alívio que o resultado da "mistura" de corpos é um branqueamento da "raça" que nos salvaria de sermos um país de negros, ainda que ameaçados de sermos de mulatos), sabe-se que tudo não passa de um disfarce. Pois se o branco se dá à mostra e realça no tecido do corpo o que ofereça mais evidência dos sinais visíveis de sua condição, o destino do negro é a ameaça de ser "ridículo", ao tentar deixar de ser "grosseiro". Vejamos a diferença na própria cor simbólica da pele. Quando uma mulher branca vai à praia "pegar um bronzado", o que ela almeja não é nunca aproximar-se do negro, sequer da "cor mulata", limites perversos da escala das cores realizada nos homens. Ela quer dar ao branco o seu tom ideal, assim como com cosméticos ela realça a curva dos olhos e a dos lábios. Pois tudo o que no negro precisa ser o disfarce, no branco deve ser o realce: fazer a excelência de sua condição, estampada na pele, ser mais ela mesma. Basta pensar a idéia de "moreno" quando aplicada a brancos e negros. Nos brancos ela qualifica para melhor o próprio estado do ser, dado que ser muito branco é feio e dá uma visível idéia de fraqueza, de doença e de ausência de valor erótico. Nos negros ela ajuda a disfarçar o próprio nome dado ao ser, algo que visivelmente ofende quando é sequer pronunciado a secas. As estatísticas e pesquisas, quando envolvem a confissão da cor da pele, registram uma infinidade de termos que

dissolvem na fala o estigma da "raça": "moreno" ("morena jambo", "morena escura", "morena índia", são nomes comuns então).

Em um outro estudo uma vez eu lembrei que o uso social da servidão dos povos africanos criou no Brasil uma extraordinária estética da exterioridade útil do corpo do negro. O senhor de escravos, assim como os profissionais do ramo, conheciam melhor os detalhes dos dentes de seus servos do que os de suas filhas. Mas não é isso o que acontece com os criadores ricos de cavalos de raça, hoje?

Havia então seres de uma pura beleza: os brancos e os bichos. A cor, então muito branca e "suave", "diáfana" cantada em verso e serenata pelos poetas às suas amadas à janela. Os homens e senhores do Reino, que os quadros a óleo retratam entre rendas, barbas e veludos, à volta de uma cadeira digna de um marquês, ou montados a cavalo, se possível. Os bichos, primeiro os das selvas - o que pode ser mais belo do que uma onça, mesmo quando negra? - e depois os tornados domésticos, como o cão e o cavalo. Mesmo as feíssimas mulheres ricas ou nobres eram para ser vistas cobertas de luxos, a fim de que algum pintor italiano de passagem as eternizasse a óleo. Mas sabemos que durante a Colônia e mesmo o Império, os estudiosos estrangeiros, que não precisaram ser pagos pelos senhores da terra para verem, desenharem e escreverem, pouco valor davam a esses corpos, eles sim, cobertos de mentiras. Vestidos demais de disfarces de uma nobreza de almanaque, para por alguma magia tornarem-se pelo menos interessantes. Pois entre rendas e retratos não havia mesmo muito o que conhecer sobre esses rostos alvos de damas e domadores dos sertões. Esses corpos de resto vestidos demais de disfarces da nobreza falsa e do poder, imitadores demais da metrópole para serem por um momento interessantes. Por isso os viajantes europeus desde a colônia aos começos da República pouco se interessam por suas figuras oferecidas. Eles conhecem o jogo. Preferem a nudez dos índios e mesmo a ginga do corpo dos negros dados ao batuque ou entregues ao trabalho. Debret, por exemplo. Mas se o próprio índio é o rosto estranho, pintado e naturalmente belo, que sugere ser desenhado de perto, visto sob o efeito mágico da diferença, os negros são corpos ao longe, são a moldura que segue o branco, às vezes no Rio de Janeiro vestidos de suas imitações, trajados de veludo, acompanhando a família de um

senhor à missa. Negros do ganho no ofício das ruas, negros seminus - mas jamais com a graça dos índios - no rigor das minas. Eis que o negro africano trazido ao Brasil ou o negro já nascido aqui são dados como um corpo no trabalho ou na farra efêmera do folguedo; raro como um rosto vivo, de frente, como um olhar. A não ser quando pitoresco, como os rostos de negros de "várias nações", em Debret. A não ser no caso quase único e notável de Christiano Jr. que, pela primeira vez, um a um, fotografa retratatos: rostos e olhares de negros no final do século XIX (Escravos Brasileiros do Século XIX, ex libris, 1988). Sujeito do trabalho escravo no passado, sujeito do trabalho mais ou menos qualificado e mais servil, ou do subemprego degradante hoje, a figura do negro é quase sempre coletiva: aos grupos, acompanhando senhores, no trabalho, na folga, na porta da igreja, sujeitos sem vida própria, atados à vida dada ao outro, objeto vivo que o branco e o feitor mestiço de perto vigiam, que o "capitão-domato" recupera quando algum escravo acaso deseja a individualidade do homem livre. Como era o rosto de Zumbi? Corpos tornados individuais apenas quando pitorescos, fora, uma vez mais, à exceção exemplar de Cristiano Jr.. As mulheres vestidas das memórias degradadas da África, que vieram a fazer da "baiana" o "tipo brasileiro" mais exportável.

Vistos de perto não são rostos de ver, mas de espantar. São servos, mas terríveis, nunca nobres e dando à cara o ar do livre, como os índios desenhados pelos viajantes, mesmo depois de "civilizados". Isso é a face do ser do negro, primeiro nesses desenhos, registros inocentes rabiscados de passagem, depois nos livros de uma falsa ciência que por alguns enganosos anos tentou associar a feição da testa, da distância entre os olhos, da linha de união dos lábios, da conformação da cabeça ou das orelhas, à identidade, ao "caráter". A essas estranhas matrizes do ser associadas à "sina" ou ao destino das raças e seus povos. Depois - e disso somos contemporâneos, comparsas silenciosos - nos registros e nas folhas que os jornais dedicam aos crimes de toda a espécie. Os negros e mestiços são quase todos os criminosos do país, pois eis que quase todas as fotografias de criminosos são de mestiços e negros. Rostos que o desenho no passado e a fotografia hoje buscam degradar: horrendos, violentos, inquestionavelmente perigosos.

Mesmo hoje. Observei em anos seguidos que nas filmagens das escolas de samba do Rio de Janeiro são as brancas e as mulatas mais "branqueadas" os "destaques". Figuras perfeitas, mascaradas a esmo para os minutos de glória, "sambando no asfalto" ou sobre pedestais móveis, quando podem pagar o preço das fantasias mais caras. As negras, ei-las em massa entre as "baianas", adoráveis corpos volumosos, suarentos, uma deliciosa exaltação do movimento carregado de cores, onde o que importa é justamente o próprio movimento coletivo. Raras negras são corpos individualizados de que a câmara se aproxima para sugerir, na nudez industrialmente erótica, uma instantânea sensualidade tropical, típica e excitante. Mas é preciso que a câmara suba a um "destaque" para que o rosto supere a bunda ou os peitos e, finalmente, diga alguma coisa da pessoa, enquanto as letras do nome aparecem embaixo na tela. Rostos sugerem nomes. Quem conhece os das "baianas"?

Voltemos dois passos. Mesmo quando rostos tomados de perto, há entre brancos e negros uma diferença fundamental. Tomo aqui de empréstimo algumas idéias de Manuela Carneiro da Cunha (Ser escravo, ser olhado - Escravos brasileiros: XXIII a XXX). Entre quem contrata um fotógrafo para que o retrate e quem é fotografado ao acaso ou à força, existe a oposição entre dar a ver e ser visto. Um é sujeito de seu retrato: mostra-se, dá-se a conhecer, distribui-se pelo papel e pode fazer-se retratar quantas vezes queira ou possa pagar, até quando a figura dada na foto realize o seu desejo de espelho. Assim o senhor branco se retratava, assim, hoje, os que podem se retratam. O negro de antes, escravo, ou o de hoje, marginal em maioria, é para ser visto. A foto não retrata sujeito de uma condição servil, hoje a serviço de alguma condição marginal. Manuela Carneiro da Cunha observa:

Aqui o escravo é visto, não se dá a ver. É visto sob formas que o despersonalizam de duas maneiras, mostrando-o seja como um tipo, seja como uma função. Não é o rosto único do retrato que se busca típico, mas a generalidade que permite reconhecê-lo como um "negro mina", "gabão", "cabinda", "crioulo". Enquanto tipo, ele está ali como sinal de uma categoria que o subsume, outra coisa que não ele, maior do que ele, e na qual sua especificidade (por mais que seu rosto, único, seja indelével no retrato) se torna irrelevante (XXIII).

De certos desvios do olhar não ficamos livres até hoje, repito. Nos jornais e revistas, negros são, repito ainda, mais o corpo do que o rosto, mais o tipo e,

mais ainda, a função, do que a pessoa. Num país onde negros "puros" são milhões, é o rosto branco, qualquer que seja e sobretudo quando alguém "de destaque", que se dá a ver. Entre os negros, é preciso que seja uma mulata bonita e sensual, ou um artista profissional notável ou jogador de futebol. Raros os negros e alguns poucos se multiplicam mais do que todos. Milton Nascimento, acredito que seja dado a ver mais do que todos outros negros do país juntos. Assim como Pelé no passado, depressa esquecido. Qual o negro, qual a negra sem outra função a não ser a dignidade, a densidade ou a beleza do rosto, que aparece retratada por ser isto, a imagem de um momento do ser da gente do Brasil?

Deixemos portanto os brancos e seus corpos e rostos antigos e de hoje, vestidos de arminho, alvura e barba, que disfarçavam numa honradez visual, difícil de ser então questionada, o desmando e a desumanidade que regiam e regem ainda o mundo onde eles eram exatamente isto: "senhores". Voltemos aos negros, quase invisíveis como individualidade dada a ver, antes e agora. Senhores do corpo, do gesto coletivo, da ginga e do movimento. Dos jogos do dorso impossíveis ao branco, do disfarce, da capoeira e do candomblé. Useiros de pés descalços (sinal do ser escravo no passado, negros alforriados logo compravam sapatos), mãos ásperas e palavras incompreensíveis, de uma perigosa sedução sempre associada ao malefício, à feitiçaria e à simulação. Melhor, por um lado, pois eis que suas ágeis figuras luminosas de escuridão zombam da imobilidade impotente dos brancos. Pior, por outro, porque quase não deixaram e pouco deixam hoje o registro de suas faces, e do seu olhar. Como respeitar quem não se dá a ver de frente?

Faço uma pausa para lembrar aqui uma dessas observações terrivelmente sérias, de tão brincalhonas. Pois, nela, o que eu disse até agora aparece às avessas, isto é, em sua face verdadeira. Eu fotografava para esta série de "negro olhar" um capitão dançante de terno de Moçambique: Pepita, tido também como o melhor ritmista das escolas de samba do lugar. Isso foi em Oliveira, Campo das Vertentes, Minas Gerais, e ele sugeriu que eu fizesse a foto de longe, de corpo inteiro e, se possível, pegando outros de sua "guarda". Disse: "Pra que retrato de cara de negro? Para os brancos é tudo igual. É uma cara feia

só. E, depois, fotografia de negro só sai é negra mesmo. Não dá pra ver nada, por mais que você queira. É só a dentadura no meio daquele negrume".

Esta série de fotografias de um negro olhar tenta negar isso. De resto, mandei de volta ao Pepita várias fotos de seu rosto e de seu corpo na ginga da festa e de sua gente vestida de lilás e amarelo (algumas fotos estão na coleção). Ele gostou de ver o seu corpo e, mais ainda, o rosto negro nítido, iluminando o claro à volta na noite da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Estive em cidades de Minas Gerais, de São Paulo e de Goiás. Retraturei em slides e em fotos em papel rostos de negros, de perto, quase sempre de frente: o seu olhar. As fotos são sempre de festas e quase todas de "festas de santo de preto": São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Nesta série de fotos em cores e em papel estão apenas rostos de festas de São Paulo e Minas Gerais. As goianas ficaram nos slides. Ainda que os fotografasse por minha conta, às vezes no meio dos folguedos da festa, sequer explicando algumas vezes antes ou depois para o que eram, são fotos, creio, em que o negro se dá a ver. Ei-lo agora, nem um rosto de quem se suspeita, nem o de quem se fotografa, porque é um raro nome ou uma função: um senhor de seu rosto. São fotos de rua, de "câmara na mão", quase sempre um instantâneo, às vezes a rara pose, quando o dançante ou a cantora de congos, catupés, moçambiques, ou um Rei ou Rainha interrompiam o seu gesto de festa para virem posar. Nenhuma delas foi feita em estúdio e nenhuma foi tirada várias vezes, para que o fotógrafo amador pudesse se dar ao direito da escolha. Algumas fotos as fiz metido dentro de um terno, eu mesmo movido pela emoção do jogo de sons e corpos. A máquina na mão (uma velha Pentax), o gravador e outros acessórios a tiracolo. Em algumas fotos de pose, o modo de fazê-la e o seu porque eram então discutidos com o próprio fotografado. Algumas mulheres davam sugestões, pediam o tempo de um apurmo no cabelo ou um detalhe da roupa.

As da primeira seqüência: dignidade, são muito raras nos jornais e revistas de grande e média circulação. Raras mesmo nos livros em que o negro é o assunto. Fotos de negros como os brancos via de regra costumam crer que apenas eles são. Tomados de perto, posando, procurei ressaltá-los como são: dignos e fazendo com que o rosto sereno e o gesto digam isso. Revisto como

detalhe, o que se acostumou a ver como grosseiro, pitoresco ou quase animal, ele revela uma rara beleza de que nos exilamos por vícios de um cego olhar, há muito tempo. Eles não. Pelo menos os muitos que sabem quem são.

Olhemos esses corpos de frente. Saibamos encarar esses olhares de rostos sérios, vestidos para dia de festa. Por um momento saibamos vê-los fora dos lugares arbitrariamente dados a serem "de negro", ali onde o branco o coloca: no trabalho desqualificado (sujo, maltrapilho, grosseiro, suarento), no esporte (brilho fugaz mas só no "esporte de negro"; o futebol sim, o vôlei não, o basquete sim, o tênis não, o box sim, o judô não, no samba e no pagode (melhor se mulato, melhor ainda se "mulata"), na crônica policial, na galeria vulgar dos "tipos brasileiros", em transe, vestidos de Deus, mas cheios de demônios, na umbanda ou no candomblé.

Os rostos são os mesmos, mas agora olham de frente, dão-se a ver, exigem do fotógrafo o ângulo adequado. Não estão vestidos de farsa e não se reconhecem arremedo. Dizem que se vestem e posam como acham que todo o negro tem o direito de ser, sendo negro. Dignos, ali onde o direito à diferença aspira abolir o poder perverso da desigualdade.

Quando pode, é na alegria que o negro se sente em casa. Mas é também ali que é o alvo do deboche e do desconhecimento. Se no branco a alegria da festa é grega, euforia, e é o seu direito, no negro, cuidado, pois tudo pode aproximá-lo, uma vez mais, do ser deslocado do humano. Um sujeito suarento a meio caminho entre o homem desqualificado e o animal desqualificador: "macaco". Porque a ginga alegre do negro, quando não é sensualidade é "macaquice" e nisso ou é um pecado contra a religião ou um desvio da cultura. Várias vezes em quase todas as cidades dos três estados onde pesquisei, sempre ouvi os de fora da festa, ou pelo menos fora do sentido de suas danças de praça e rua, comentarem a "macaquice" do rito e, então, observarem cada detalhe de seus rostos de fé e surpresa como a prova eloqüente da grosseria da farra. Pois eis que os que não sabem louvar os seus deuses com as artes do corpo precisam animalizar tudo o que parece estar além dos seus limites.

Mas entre eles e entre eles e seus santos e deuses, não é somente com música e dança que se faz o rito do louvor e a própria festa. É também com a alegria. Já aos primeiros viajantes espantava como os escravos gostavam de entregar o corpo ao que lhes parecia excesso - como até hoje parece a tantos - mas que só é isso à condição de ser uma espécie pessoal e coletiva de sentimentos de vitória, ainda que momentânea, sobre o próprio destino, sobre a dor. Não se ri com mais soltura do que quando se é negro e quem já viajou entre povos andinos sabe bem a diferença entre esses corpos dados ao movimento fácil, onde o improvisado dos quadris substitui a marcialidade das batidas ritmadas e monótonas dos pés no chão, acompanhados de rostos que se abrem francos em sorrisos largos e, de outra parte, os duros corpos envergados de frio debaixo de rostos tristes, onde até o sorriso da festa é amargo e avaro.

Entre os negros dançadores de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, é possível ver como a alegria estampada no rosto, nos dentes e no olhar é parte da própria oração. Algo que o movimento do corpo completa e a que o canto das quadras quer menos dar sentido do que marcar a excelência do ritmo.

A mais estranha mescla dos ritos de negros católicos nas festas de seus santos padroeiros é o solene e o alegre. Entre os brancos, entre os senhores do passado, segundo os termos da própria cultura erudita, parece sempre necessário e impositivo separar uma coisa da outra. Não é a toa que se tornou costume no Brasil opor as festas de mascarada, como o carnaval, às de solenidade, como a Semana Santa ou o Sete de Setembro. Vide Roberto da Matta. Diante de Deus ou da pátria se é solene, respeitoso e apolíneo. Fora disso se pode ser até alegre, dionisíaco. O que é uma maneira sutil, mas empobrecida e desvirtuada, de se dizer que tudo pode ser virtude ou pecado, dependendo da hora e do lugar.

Mas esses eufóricos dançadores devotos não: ei-los que são alegres e entusiasmados (esta palavra na origem grega é profundamente religiosa) e tocam e dançam com os corpos e o rosto diante de seus deuses, para depois serem sérios e solenes andando no terno pelo meio da rua, nas marchas entre a casa e a igreja.

Pelo menos no Brasil não há gente que se coroe mais e exalte mais a "monarquia" do que o negro católico. E é preciso não esquecer que todas as festas "de santo de preto" do país são uma imensa nostalgia de realeza; seus símbolos, seu tempo mítico, seus sujeitos. Uma estranha e deliciosa oposição não deve ser esquecida aqui. A igreja oficial e, portanto, os brancos de elite desde a Colônia até hoje, coroam outros. Coroam Nossa Senhora, principalmente. A "coroação" sempre foi um piedoso - e piegas, confessemos - rito católico de igreja. Os negros não, desde quando escravos eles se coroam a si próprios. E se no candomblé alguns iniciados vestem coroas porque elas são de seus orixás, nos ritos católicos de festa de São Benedito ou de Nossa Senhora do Rosário há reis e rainhas indispensáveis, com as suas vestes de arminho e coroas. De lata que sejam, e são, mas coroas de uma bela, fugaz realeza em que vários personagens vestidos de nobres acompanham séquitos de monarcas "congos", "gingas", "pequenos", "perpétuos" ou não, em cortejos de "reinado" que, quando ainda sobrevivem, como em cidades de Minas Gerais, são o ponto alto da festa do santo padroeiro.

Vestido de veludo e coberto de coroa, quem apenas era digno nas primeiras fotos pode ser agora nobre, ainda que de "finge", mas onde o fingimento não é, entre eles, menor do que os nossos.

Já que há uma princesa Isabel meio bastarda e esbranquiçada, em festas como a de Itapira, em São Paulo, ou em Oliveira, Minas Gerais, e já que há na maior parte delas um rei, uma rainha ou, melhor ainda, um par de reis congos, é costume lembrar-se a razão de realeza como a dupla memória de uma origem africana de que se conhece por certo muito mais o mito indispensável do que a história necessária, e de um "tempo de cativo", seguido do instante memorável da "alforria", da "libertação" que, em algumas cidades, desloca a própria festa de São Benedito para um "13 de maio".

Joãozinho Trinta costuma dizer que rico é quem gosta do simples e que pobre gosta é de luxo. Os negros não só. Eles cultuam mesmo é o sentido do rei. Curioso que os dois padroeiros católicos cultuados em mais de 90% das festas de negros devotos sejam uma "Rainha dos Céus", coroada, Nossa Senhora do Rosário, e o mais "humilde" dos santos: São Benedito, que foi

cozinheiro e tornou-se santo por não aspirar mais do que uma santidade feita de ser servil.

Neusa Santos Souza (Tornar-se negro, Graal, 1983) lembra como o negro rejeita de muitas maneiras o aspecto exterior de seu ser-negro e o disfarça quando pode. É preciso um raro grau de consciência e valor de identidade para que essa rejeição assumida ou sofrida em silêncio se inverta, e a cor e o corpo do negro venham a ser sentidos como valor de beleza sem o dever do disfarce. Pode ser e já se falou muito sobre o assunto. Mas, a menos que tudo isso seja uma outra maneira sutil de "fazer-se como o branco", os negros retratados aqui e tudo o que eles simbolizam parecem ter mais a ver com o desejo de realçar o lado negro do ser. Pois a própria realeza da festa é afirmada como negra e também como africana, perdida longe, e que sem os dados certos da geografia e da história, o rito retrata como uma festa de fé. São guerreiros africanos os seus nobres e buscam aos tropeços os seus nomes africanos.

Cumplicidade quer ter aqui um sentido muito diferente do que nos acostumamos a ver, especialmente nas crônicas e notícias policiais, sempre sugerindo o mal: o crime. Palavra suspeitosa. Cúmplices são aqui companheiros, parentes ou não, são parceiros: mãe e filhos, compadres; amigos, sujeitos de equipes de festejadores.

Ternura. Meninos e meninas negros têm sido associados, com uma assustadora crescente frequência, aos hóspedes da FEBEM. Achei que era hora de lhes devolver a sua verdadeira face.

Campinas, 20 de novembro de 1988

Dia das festas da consciência negra

Galeria

Série Dignidade







Série Cumplicidade



